

MODO DE VIDA EM TRANSFORMAÇÃO EM ÁREAS DE USO SUSTENTÁVEL: O CASO DO SERINGAL NOVA ESPERANÇA

Alexsande de Oliveira Franco
Cicilian Luiza Löwer Sahr

Resumo: O presente estudo teve como objetivo discutir os fatores de apropriação do espaço que contribuíram para o processo de transformação no modo de vida na Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) denominada de Seringal Nova Esperança (SNE), localizada no município de Epiaciolândia no estado do Acre. Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados levantamentos bibliográficos, visita a órgãos públicos, entrevistas semiestruturadas com a comunidade local, bem como, coleta de dados geoprocessados para observar potenciais impactos negativos. Observa-se que a área vem apresentando dinâmicas que incorporam elementos de racionalidades exógenas, vulnerabilidade econômica e perda de identidade.

Palavras-chave: Modo de Vida, transformação, elementos exógenos, unidade de conservação.

Mode of life in transformation in areas of sustainable use: the case of Seringal Nova Esperança

Abstract: The objective of this study was to discuss the spatial appropriation factors that contributed to the transformation of lifestyle in the Area of Relevant Ecological Interest (ARIE) called Seringal Nova Esperança (SNE), located in the municipality of Epiaciolândia in the state of Acre. For the development of the research were carried out bibliographical surveys, visits to public agencies, semi-structured interviews with the local community, as well as the collection of geoprocessed data to observe potential negative impacts. It is observed that the area has presented dynamics that incorporate elements of exogenous rationalities, economic vulnerability and loss of identity.

Keywords: Way of life, transformation, exogenous elements, conservation unit.

Modo de vida en transformación en áreas de uso sostenible: el caso del Seringal Nueva Esperanza

Resumen: El presente estudio tuvo como objetivo discutir los factores de apropiación del espacio que contribuyeron al proceso de transformación en el modo de vida en el Área de Relevante Interés Ecológico (ARIE) denominada de Seringal Nova Esperanza (SNE), ubicada en el municipio de Epiaciolândia en el estado de Acre. Para el desarrollo de la investigación se realizaron encuestas bibliográficas, visitas a organismos públicos, entrevistas semiestruturadas con la comunidad local, así como, recolección de datos geoprocessados para observar potenciales impactos negativos. Se observa que el área viene presentando dinámicas que incorporan elementos de racionalidades exógenas, vulnerabilidad económica y pérdida de identidad.

Palabras clave: Modo de vida, transformación, elementos exógenos, unidad de conservación.

Introdução

A Amazônica possui grande diversidade de modelos de gestão do território, como os Assentamentos Rurais e Unidades de Conservação (UC), ambos de extrema importância para a conservação ambiental e atenuar conflitos territoriais. Com relação às UC, essas são classificadas em uso indireto e uso direto ou sustentáveis. Estas áreas são sujeitas a um regime de proteção externo, com território definido pelo Estado, cujas autoridades decidem as áreas a serem colocadas sob proteção e sob o tipo de modalidade (ARRUDA, 1999).

As UC de Uso Sustentável possuem grande diversidade de categorias, entre as quais se destacam as Áreas de Relevante Interesse Ecológico (ARIE). Essas áreas possuem boas características ambientais e abrigam exemplares raros da biota regional, além de possuir pouca ou

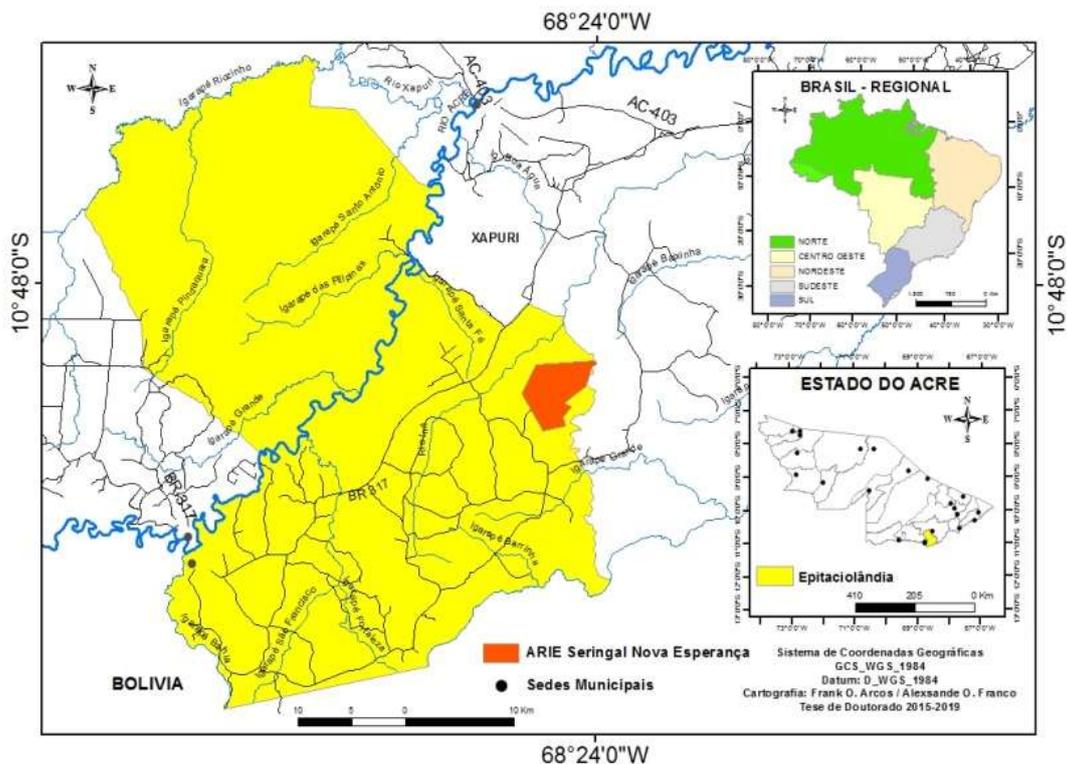
nenhuma ocupação humana. No artigo 16 do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, menciona sobre ARIE:

A Área de Relevante Interesse Ecológico é uma área em geral de pequena extensão, com pouca ou nenhuma ocupação humana, com características naturais extraordinárias ou que abriga exemplares raros da biota regional, e tem como objetivo manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-lo com os objetivos de conservação da natureza (BRASIL, 2000, p. 9).

Nessas áreas devem viver grupos de populações tradicionais, com modo de vida compatível com o local, ou seja, os moradores precisam se adequar ao estabelecido pelos objetivos de criação, entre os quais, proteger espécies vegetais da biota regional e desenvolver atividades econômicas em consonância com as características da área.

Nessa direção, o objetivo do presente estudo foi discutir os fatores de apropriação do espaço que contribuíram para o processo de transformação no modo de vida na Área de Relevante Interesse Ecológico Nova Esperança. No estado do Acre encontra-se apenas a ARIE em tela (Figura 1), de acordo com seu Decreto de Criação (BRASIL, 1999), localizava-se no município de Xapuri. Todavia, com a redefinição dos limites municipais do estado do Acre em 2004, verifica-se que mais de 90% desta encontra-se, desde então, dentro dos limites do município de Epitaciolândia (ABREU, 2015).

**Figura 1: Localização da ARIE Seringal Nova Esperança: Epitaciolândia/AC/
Localização da ARIE SNE**



Fonte: Acre (2006). Organização: Alexandre de Oliveira Franco.

Sua criação buscou, entre outros objetivos, proteger exemplares da biota regional como a castanheira (*Bertoletia excelsa*) e a Seringueira (*Hevea brasiliensis*). Com uma área de

aproximadamente 2.576 hectares, a fitofisionomia da ARIE SNE é caracterizada por Floresta Ombrófila Densa e pertence à bacia do Rio Madeira, importante afluente da bacia do rio Amazonas. A área em tela possui como característica o uso sustentável dos recursos naturais e a proteção ambiental, destinando-se a produção agroextrativista-florestal. Inibem-se, portanto, atividades que coloquem em risco os ecossistemas locais, suas espécies da fauna e flora, os recursos hídricos e o solo.

Para chegar ao objetivo proposto seguiram-se alguns procedimentos: levantamento de informações bibliográficas em livros, revistas, periódicos, dissertações e teses; coleta de documentos e relatórios em órgãos públicos; entrevistas com os moradores locais, observação in loco, bem como, coleta de dados geoprocessados para observar potenciais impactos negativos do desflorestamento da área. Aplicou-se a pesquisa qualitativa semiestruturada para compreender os aspectos relacionados ao modo de vida desenvolvida na ARIE SNE. Como forma de preservar a identidade dos indivíduos a metodologia utilizada foi criar códigos para representar os mesmos, como exemplo, A1 para o morador um, A2 para o morador 2, e assim por diante para os outros moradores. Do mesmo modo, para os Gestores (G1, G2) e assim sucessivamente.

O referencial teórico que norteou a pesquisa embasou-se na categoria de análise, modo de vida, para análise da Área de Relevante Interesse Ecológico e sua comunidade. Nessa direção foi fundamental compreender os elementos que compõem o modo de vida de uma dada população.

Observa-se que a área, Seringal Nova Esperança, vem apresentando dinâmicas que incorporam elementos de racionalidades exógenas em função da proximidade de áreas urbanas, expansão da pecuária no entorno, bem como vulnerabilidade econômica na comunidade, contribuindo para perda de identidade tradicional e mudança no modo de vida. Discutir essas questões torna-se relevante para compreender as características da área, bem como da comunidade local, 18 anos após sua criação.

Discutindo modo de vida

As populações em geral possuem características particulares relacionadas às suas formas de sobrevivência, cultura e identidade. Esse conjunto de fatores está diretamente ligado ao modo de vida, ou seja, de como as pessoas ou grupos de pessoas vivem ou pensam em um determinado território. Dessa forma quando se menciona modo de vida pensa-se em território, pois é o local onde se desenvolvem suas relações socioeconômicas, culturais e simbólicas.

As populações constroem um modo de vida particular e se “enraízam” no território. Claval (1999) menciona que o modo de vida é vinculado às formas como os indivíduos se relacionam com o seu território. Seguindo o mesmo caminho, Almeida (2005, p. 108) destaca que “o território representa em sua primeira instância, espaços culturais de vivências, imaginações e representações econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam”. Não se quer aqui discutir território em seu contexto mais profundo, mas apenas deixar claro de sua importância para construção de modos de vida particulares e coletivos.

O termo modo de vida é complexo, pois envolve várias nuances filosóficas e sociais. Nessa direção Foucault (1981) argumenta que modo de vida não se remete somente a características superficiais ou a rótulos, é mais complexa, pois envolve muitos fatores, entre os quais sociais. Modo de vida é o espaço construído pelos “homens lentos”, com suas racionalidades, temporalidades e geograficidades (SANTOS, 1996). Nesse aspecto as formas de pensar e agir, suas temporalidades, espacialidades e práticas são individuais, particulares e coletivas em cada território.

Ainda para Santos:

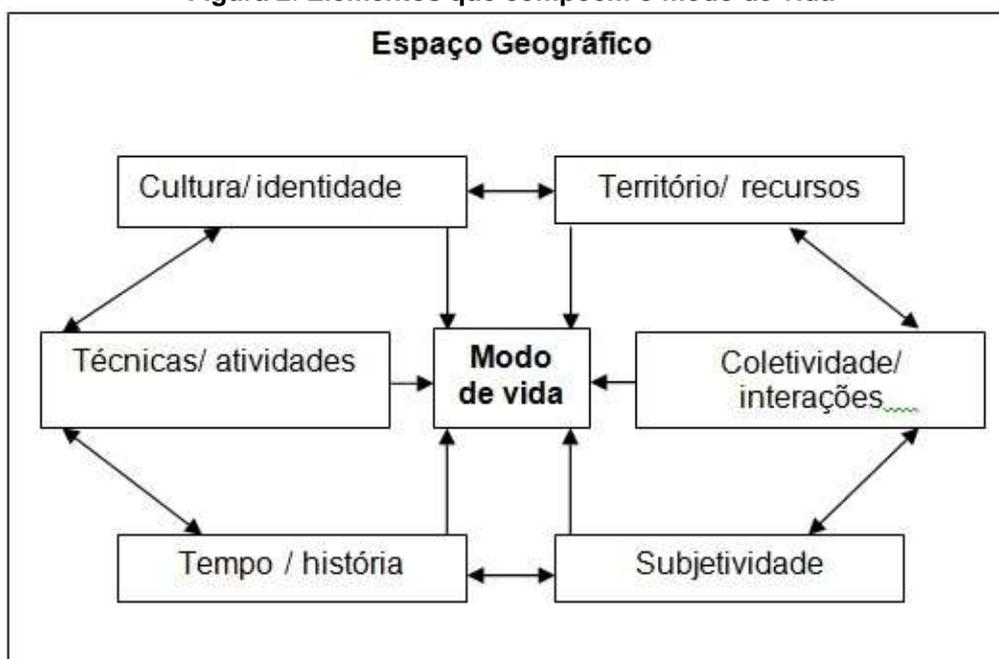
As gerações se sucederam transmitindo umas às outros modos de vida baseados em atividades produtivas, relações de trabalho e formas de consumo cujo fundamento era buscado na sua própria história. [...] Isso se dava sem alterações fundamentais ou substanciais nos mecanismos sociais (SANTOS, 1996, p. 168).

Os indivíduos possuem, portanto, características próprias, particulares e ainda coletivas no local onde vivem, compreendendo o mundo a partir do lugar e de seu território. Nessa direção, Löwen Sahr argumenta:

Modo de vida compreende a produção do espaço pelo sujeito e as intervenções dos agentes hegemônicos nestes precisam ser compreendidas por meio de métodos e técnicas que admitam compreender o sujeito, suas táticas e estratégias, seus contextos e suas conjunturas, suas narrativas e seus discursos (LÖWEN SAHR; SILVA; GERMANI, 2016, p. 119).

É necessário de acordo com o exposto compreender o modo de vida em cada território, para que as políticas públicas possam de fato ser condizentes com a realidade local e não imposta como em muitas áreas de conservação. Modo de vida é estreitamente vinculado à cultura e ao território, mas não é só isso, muitos são os elementos que compreendem modo de vida (Figura 2).

Figura 2: Elementos que compõem o modo de vida



Fonte: Elaborado e organizado pelos autores.

A partir da figura acima, se esboça de forma geral, a sistematização dos elementos que compõem o modo de vida de uma dada população com todas suas nuances e sinergias. Levando em consideração os elementos que compõem o modo de vida tem-se: Território/ Recursos, Coletividade/ Interações, Subjetividade, Tempo/ História, Técnicas/ Atividades, Cultura/ Identidade.

Território é onde se desenvolve o espaço vivido em todas suas dimensões e **recurso** aquilo que é encontrado em seu território como necessário para desenvolver seu modo de vida.

Por **coletividade** sugere-se que os indivíduos possuem interesses comuns no interior de uma determinada área e **interações** sociais demonstrando que os sujeitos ou grupos possuem relações.

Subjetividade é compreendida como mundo interno do indivíduo, como ele se relaciona com o mundo externo ou social. Resultando nas singularidades das características pessoais dos indivíduos ou grupos de indivíduos quanto seus valores.

Tempo é simplesmente processo de construção da **história** de um povo geralmente passado de pai para filho, geração em geração.

Técnicas são as formas de como os indivíduos utilizam os recursos, as ferramentas utilizadas e com elas desenvolvem suas **atividades** entre as quais socioeconômicas, por exemplo.

Cultura é o resultado de um processo construído ao longo do tempo em uma sociedade como o conhecimento, crenças, arte, moral, hábitos, compreendendo aspectos objetivos e subjetivos representando a **identidade** do indivíduo ou mesmo grupo de indivíduos.

Apesar dos elementos que compõem um modo de vida ser gerais, as especificidades de uma população são particularidades e ao mesmo tempo complexas, pois traz sua vivência com o meio, nessa direção Claval (1995) afirmava que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular. O modo de vida tradicional, por exemplo, possui estreita relação com natureza e seus recursos, utilizando-os de forma racional e equilibrada.

Mencionando sobre populações tradicionais, Silveira (2012) destaca que essas comunidades possuem um pretense arcabouço cultural mais arraigado a “tradições”, práticas mais orgânicas e menos depredatória de relação com seus espaços/recursos. Segundo Murrieta e Rueda (1995), população tradicional são comunidades que tradicionalmente e culturalmente têm sua subsistência baseada no extrativismo de bens naturais renováveis.

No que tange as Populações Tradicionais, o Art. 3º do Decreto Federal n. 6.040 (BRASIL, 2007) caracteriza como:

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Possuem um modo de vida com profunda intimidade com o ambiente ecológico. Nessa concepção, Diegues (2008), destaca que na concepção mítica dessas sociedades existe uma simbiose entre o homem e a natureza – no campo das atividades do fazer, das técnicas, da produção e ainda no campo simbólico. “Foi esse modo de vida que assegurou a proteção de imensas áreas de

recursos naturais estratégicos, ainda desconhecidos da ciência, cujos benefícios para a humanidade certamente serão reconhecidos no futuro” (ALLEGRETTI, 2002, p. 743). Embora estas populações corporifiquem um modo de vida mais harmonioso com o ambiente, vem sendo persistentemente desprezadas e afastadas de qualquer política de conservação ambiental (LITTLE, 2008). A valorização do conhecimento e das práticas dessas populações deveria constituir uma das pilstras de um novo conservacionismo nos países do Sul (DIEGUES, 2000).

Apesar de desenvolverem atividades tradicionais com poucos impactos negativos essas populações de acordo com Diegues (2000), têm sofrido nas últimas décadas processos de deterioração social e cultural. Com isso, muitas comunidades abandonam as práticas tradicionais passando a imprimir atividades “modernas”. Essa dinâmica ocorre por diferentes causas, para Rambaud (1969), Lefebvre (1999) o modo de vida rural tradicional absorve as influências advindas da sociedade urbana em diferentes ritmos. Do mesmo modo McCarthy (2008), utiliza modo de vida para apontar como a paisagem do campo se modifica em concordância às transformações dos modos de vida dos rurais que provocam uma renovação da vida no campo.

Nesse sentido, locais que estão próximos às cidades tendem a receber maior influência.

Modo de vida trata necessariamente do plano da vida imediata, em que se debatem o viver e o vivido, em que diferentes matrizes socioculturais se defrontam com os imperativos da indústria que coloniza e expropria o tempo (antes apropriado), sujeitando-o aos impulsos lógicos do mercado [...] essa indústria, através da publicidade e da propaganda, secciona os indivíduos por gênero, por idades, por gostos etc. etc., para serem fetichizados na personificação do usuário-consumidor. Tanto que, os equipamentos domésticos que em princípio libertam, como as mídias que em princípio informariam, atuam decisivamente sobre os modos de ser (SEABRA, 2004, p. 190).

Assim como as cidades interferem no modo de vida, o entorno é muito importante, pois suas atividades, por exemplo, pecuária e exploração madeireira, podem influenciar as populações no interior de uma área definida como Unidade de Conservação ou Assentamento Rural. A possibilidade de mudança ganha ainda mais força quando essa população encontra-se em processo de vulnerabilidade econômica.

É relevante mencionar que a população residente na ARIE SNE, encontra-se em processo de vulnerabilidade econômica. Nesse caso, a área e sua população ficam suscetíveis a atividades econômicas que contemplem a renda e suprima tal vulnerabilidade, independente do impacto. Essa dinâmica não fica somente no campo econômico, mas abrange outros elementos que compõem o modo de vida.

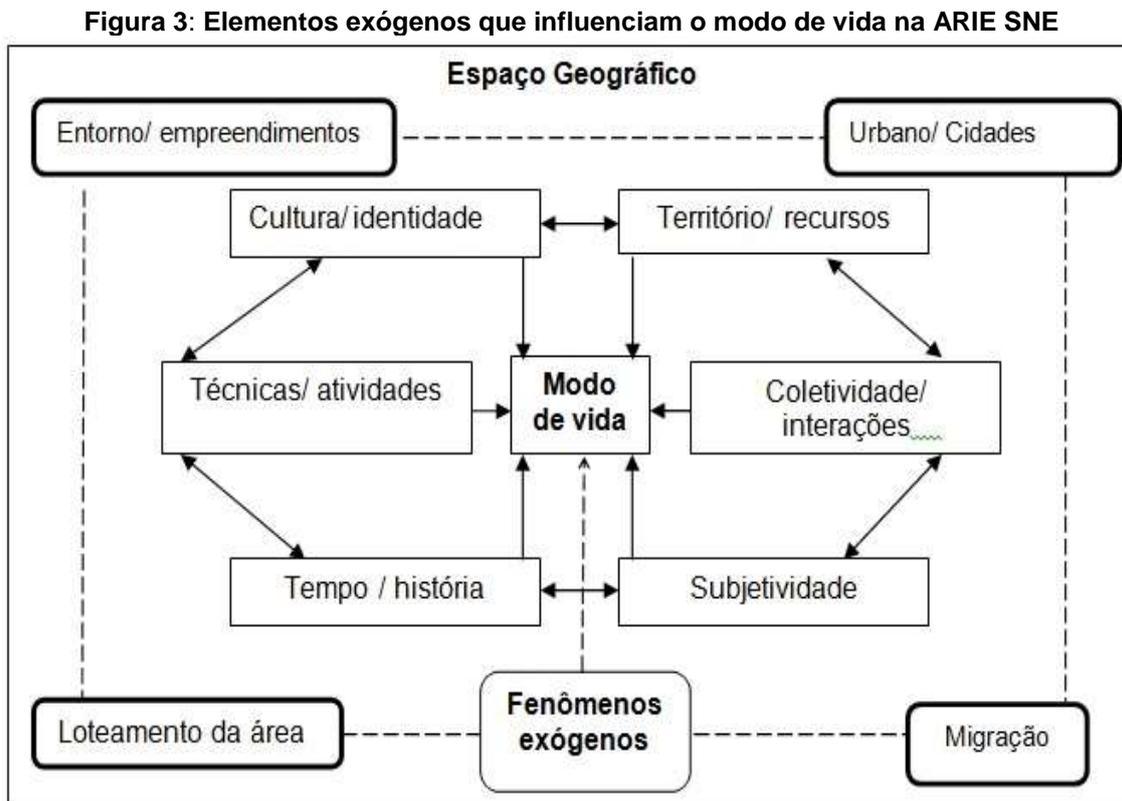
Pode-se dizer, que o processo de construção do modo de vida da população do seringal Nova Esperança se organiza a partir de como reconhecem e interagem com seu território por meio das ações vivenciadas e, sobretudo, pela interferência externa.

Apropriação do espaço e seus reflexos no Seringal Nova Esperança

A ARIE SNE, possui uma população de aproximada de 61 famílias. É uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável com normas a serem seguidas de acordo com poder público. Seus objetivos de criação são claros quando mencionam as formas de ocupação e uso do solo. Assim

como no interior, o entorno deveria seguir o mesmo, mas o local é ocupado por empreendimentos pecuários privados, além de proximidade, com núcleo urbano tendo acesso todo o ano. Nesse aspecto a forma de apropriação espacial, pública e privada, trouxe reflexos para o desenvolvimento atual do modo de vida da ARIE SNE.

No contexto da área em tela, encontra-se a seguinte configuração externa interferindo nos elementos e no modo de vida (Figura 3).



Fonte: Elaborado e organizado pelos autores.

Os fenômenos exógenos que contribuem para transformar o modo de vida no interior do local são: proximidade da cidade de Epitaciolândia, o fluxo migratório, o loteamento e ainda os empreendimentos da pecuária no entorno.

A proximidade do núcleo urbano de Epitaciolândia tem atuação de forma direta sobre a área, pois contribui para a ida e vinda de pessoas ao local. A migração ocorreu forte ao longo dos últimos anos, principalmente a entrada de pessoas impulsionada pelo acesso facilitado e loteamento da área. “Aqui é bom de morar, difícil era onde eu morava [...] na cidade é ruim de morar. Tô com seis anos que vim para cá” (MORADOR A1, 2017).

A compra e a venda dos lotes ou de parte deles são realizadas de forma irregular, pois não passa pelo crivo da associação de moradores. Com isso há o parcelamento das terras em diferentes tamanhos e com diferentes perfis de pessoas (funcionários públicos e privados, fazendeiros, entre outros). De acordo com as observações em campo no ano de 2017 aproximadamente 70% dos moradores chegaram após a criação da área, no ano de 1999, demonstrando um caráter exógeno dos moradores e um modo de vida diferente daquele preconizado na área.

Essa questão, por si só, comprova mudança potencial no modo de vida na comunidade ARIE SNE, no entanto, não é só esse fator que justifica transformação, mas outras que são mencionadas a seguir.

Com relação aos empreendimentos pecuários, esses são desenvolvidos com muita força nas fazendas que ocupam o entorno da área. Essa forma de uso do solo é dinâmica em toda a região. Ela influencia inclusive áreas de conservação e sua população. No interior da ARIE SNE, os indivíduos, por exemplo, desenvolvem atividades heterogêneas destacando-se o tripé: extrativismo da castanha, agricultura familiar e a pecuária bovina. Entre essas, a pecuária é mais difundidas que as outras.

A castanha é um dos produtos extrativistas que possui importância econômica para a região, sendo valorizada no mercado nacional e internacional, no entanto, na última década teve diminuição na produção local em função principalmente do corte das árvores, a Moradora A3 (2017), argumentou: “o vizinho cerrou [cortou] uma castanheira pra fazer prancha e o ICMBIO foi multar dizendo que ele ia vender [...] Foi só para fazer prancha para usar...”. Isso mostra a falta de conhecimento dos moradores ou mesmo má fé de alguns, pois a derrubada da castanheira é proibida por Lei e converge ainda para os impactos no local como o desflorestamento.

A agricultura itinerante [corte-queima-plantio] e de subsistência é praticada historicamente na região em conjunto com a agricultura familiar [membros da família], com relação a isso, a Moradora A2 (2017) argumenta: “aqui o homem e a mulher trabalham igualmente. Mulher faz tudo [...] broca, roça, colhe, capina de enxada, pega peso”. A subsistência, no entanto, a partir do acesso aos recursos da agricultura familiar como, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Plano Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), os moradores passaram a produzir excedente e plantar pomares. Com isso, oferecem aos programas principalmente frutas: laranja, limão, banana, mamão, lima só não vende cupuaçu. A renda de parte dos moradores é complementada ainda com a bolsa família e a venda de produtos no mercado local, o gestor G4 (2017) argumenta: “Aqui na feira eles consomem muito e de tudo um pouco – banana, queijo, mamão, cheiro verde –, de tudo eles compram”.

O gado de corte tem destaque pela facilidade de venda e baixa utilização de mão-de-obra. O boi é extremamente importante para os moradores da ARIE, pois é “moeda” de troca no banco para financiamentos maiores: “sempre conseguimos um crédito, [...] hoje o banco trabalha com o que você tem, por exemplo, você tem 30 cabeças de gado, aí financia proporcional o que você tem que eles podem tirar caso você não pague” (MORADOR A4, 2017).

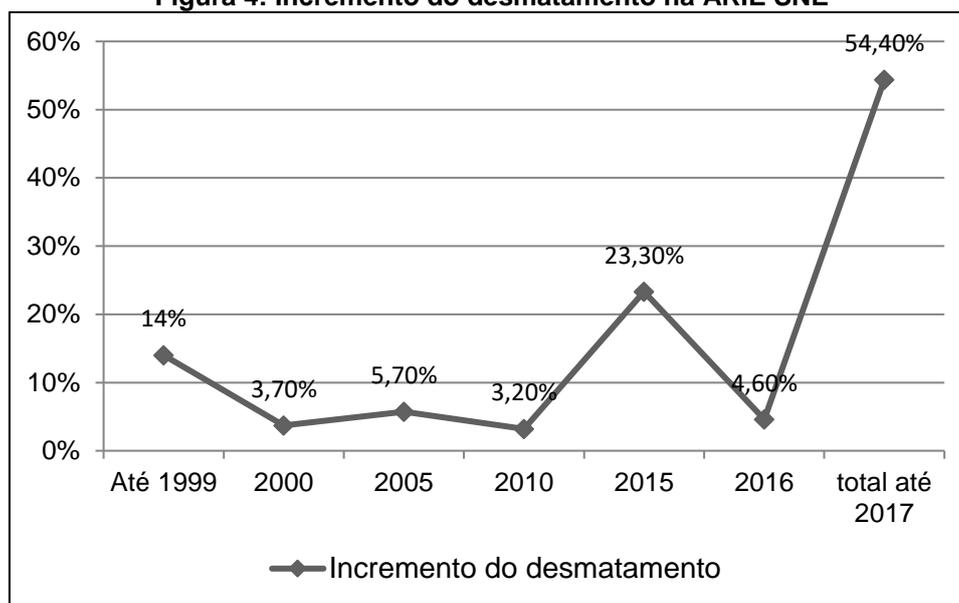
Para um dos gestores públicos da área, a análise segue na mesma direção, o pequeno produtor quer ter bovino, porque esse animal é valorizado no mercado, “é vendido por 1.000 reais, 800 reais o bezerro [garrote ou novilho]” (GESTOR G1, 2017, grifo nosso). “Vendemos bezerro, milho, arroz aqui é assim hoje” (MORADOR A2, 2017). No entanto constata-se que essa última atividade, pecuária, configura-se como uma atividade exógena ao local, principalmente após sua criação. Essa forma de uso introduziu mudanças significativas ao local e a sua comunidade.

Nesse sentido, os fatores exógenos de apropriação do espaço levaram a diferentes subprodutos sobre a área, entre os quais se destacam dois, o primeiro relacionado aos impactos

ambientais, e o segundo, ao modo de vida. Ambos interagem de forma sistêmica justificando a mudanças na área ao longo dos anos.

Os problemas ambientais na comunidade SNE foram caóticos desde a criação da área, em 1999, o desmatamento no local compreendia, segundo o Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES), aproximadamente 15%. Ao passo que no ano de 2017 o desmatamento no local chegou a aproximadamente 55% na área (INPE, 2017). Houve ao longo dos últimos anos incremento do desmatamento (Figura 4). O destaque foram os anos entre 2010 e 2015, pois intensificou a expansão da pastagem no local.

Figura 4: Incremento do desmatamento na ARIE SNE



Fonte: Banco de Dados Digitais (<http://www.dpi.inpe.br/prodesdigital/dadosn/>).
Organizado: Alexsandre de Oliveira Franco.

O desflorestamento no local teve impacto direto sobre o extrativismo da castanha no local com considerável diminuição ao longo dos anos. O desmatamento é ocasionado por atividades impactantes, sendo principal, a formação de pastagem para criação de gado de corte e leiteiro. Atividade essa muito difundida no interior e, sobretudo, no entorno da ARIE. Segundo Rodrigues et al. (2014), no caso do Acre, a frente de expansão da agropecuária se concentra em locais de ocorrência da castanheira, que tem seu hábitat ameaçado pelo desmatamento. As Unidades de Conservação apesar de serem as principais formas de intervenção do Estado Nacional para diminuir a perda da biodiversidade diante ao avanço da degradação ambiental imposta pela sociedade, enfrentam muitos problemas ambientais.

Além dos impactos ambientais, como mencionado, houve a transformação no modo de vida tradicional, por outro, baseado na organização da pecuária em suas formas e usos. Notadamente essas populações ultrapassaram uma realidade pré-capitalista, descrita por Diegues (2008, p. 84) sendo: “onde o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza, em que a dependência do mercado existe, mas não é total”. Tornando-se capitalista imprimindo atividades com lógicas de mercado compatíveis com entorno. “A

ideia era viver assim no manejo do seringal, né!? E hoje não tem mais como” (MORADORA A3, 2017), ou seja, desenvolver atividade com modo de vida com racionalidade tradicional.

Os elementos do modo de vida sofrem influência direta do entorno com seus empreendimentos pecuários, do núcleo urbano de Epitaciolândia, da migração para o interior da área e seu conseqüente loteamento. No entanto, é relevante destacar que alguns elementos que compõem o modo de vida sofrem maior influência que outro. Isso reflete na intensidade de como a área e seus indivíduos se transformam.

Nessa direção, observa-se que os elementos: território/recurso, coletividade, história e atividades são elementos mais maleáveis as transformações estabelecidas, por outro lado, a cultura e subjetividade são mais arraigadas ao indivíduo e dessa forma mais duradouras para sofrerem transformação, entretanto, também passiva de mudança.

No que se refere ao território da ARIE, esse passou por notável processo de reterritorialização, através da mudança e resignificação da terra, à medida que ocorre parcelamento de seu lote pela venda e a transformação da floresta em campo. Há uma nova dinâmica nas atividades desenvolvidas, substituição do extrativismo tipicamente da floresta, pela pecuária típica do campo. “A desterritorialização que ocorre numa escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra” (HAESBAERT, 2002, p. 133). Nesse bojo, transformam-se, as características coletivas e a história dos indivíduos.

A coletividade perde força em função, por exemplo, das diferentes formas de produção (extrativismo-agricultura-pecuária) dentro da área, onde cada um puxa para um lado reconfigurando o individualismo e desprezando o coletivo.

Com relação à história, há a perda de identidade, pois há uma quebra na transmissão de saberes e saber-fazer a respeito do mundo baseado no conhecimento tradicional. A esse respeito Cunha (1999, p. 156), menciona: “os saberes dos antigos e o cotidiano das populações conduz à compreensão dos conhecimentos tradicionais como produtos históricos”.

Nesse sentido, o modo de vida, na ARIE SNE, sofreram ao longo das interações com os fenômenos exógenos, como mencionados, no presente trabalho, transformações palpáveis e visuais nítidas. As atividades e racionalidades exógenas sobrepõem-se na área.

Considerações finais

A partir da realidade observada pode-se constatar incompatibilidade entre objetivos de criação da ARIE SNE e as práticas desenvolvidas no seu interior e entorno. As transformações ocorreram no modo de vida a partir de seus elementos ou pelo menos em alguns deles (território, coletividade, técnicas, cultura). Isso contribui para perda de identidade tradicional e modificação no modo de vida.

A mola propulsora para as transformações foi às atividades que seguem as racionalidades modernas oriundas de fora como: os empreendimentos da pecuária no entorno, a proximidade do centro urbano de Epitaciolândia, o loteamento da área ocasionado pela venda irregular das propriedades e o fluxo migratório dos moradores e compradores. Além do processo de vulnerabilidade econômica no local.

Dezoito anos após a criação da área sugere-se o diálogo constante entre as comunidades/ populações locais e o poder público federal e ainda estadual para chegarem a um consenso acerca do melhor caminho para ambos os lados. De forma que haja a conservação dos recursos naturais de forma equilibrada e a sustentabilidade econômica dos indivíduos locais.

Referências

- ABREU, Diego de Lemos. *Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança: intenções e resultados*. 76f. Monografia. Curso de Especialização. Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Curso Lato Sensu em Análise Ambiental e Gestão do Território. Rio de Janeiro, 2015.
- ACRE. Governo do Estado do Acre. *Zoneamento Ecológico-econômico do Acre*. Fase II: Documento síntese. Rio Branco: SEMA, 2006.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. 2005. Fronteiras, territórios e territorialidades. *Revista da ANPEGE*, v. 2, n. 2, p. 103-114, 2005.
- ALLEGRETTI, Mary Helena. *A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros*. 827f. Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.
- ARRUDA, Rinaldo. "Populações tradicionais" e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação. *Revista Ambiente & Sociedade*, v. 2, n. 5, p. 79-92, 1999.
- BRASIL. *Decreto s/n. de 20 de agosto de 1999*. Cria a Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/Anterior%20a%202000/1999/Dnn8326.htm>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- _____. *Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000*. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Brasília, 2000.
- _____. *Decreto n. 6.040/2007, de 7 de fevereiro de 2007*. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 10 fev. 2016.
- CLAVAL, Paul. *La géographie culturelle*. Paris. Nathan, 1995.
- _____. O território na transição da pós-modernidade. *Revista GEOgraphia*, v. 1, n. 2, p. 7-26 1999.
- CUNHA, Manuela Carneiro. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. *Revista de Estudos Avançados*, v. 13, n. 36, p. 147-163, 1999.
- DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. São Paulo: MMA/COBIO/ NUPAUB/USP, 2000.
- _____. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2008.
- FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie. *Gai pied*, v. 25, n. 1987, p. 8-20, 1981.
- GESTOR G1. Entrevista fornecida a Alexsande de Oliveira Franco, Antônio Romildo Cruz de Menezes, Cicilian Luiza Löwen Sahr. *Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança*. Epitaciolândia/AC, abr. 2017.
- GESTOR G4. Entrevista fornecida a Alexsande de Oliveira Franco, Antônio Romildo Cruz de Menezes, Cicilian Luiza Löwen Sahr. *Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança*. Epitaciolândia/AC, abr. 2017.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. Niterói: Eduff; São Paulo: Contexto, 2002.
- INPE. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. *Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES)*. Índices de desmatamento na Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança. Disponível em <<http://www.dpi.inpe.br/prodesdigital/atruc.php?ID=222&ano=2014&>>. Acesso em: 12 mar. 2017.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LITTLE, Paul Elliot. Political ecology as ethnography: a theoretical and methodological guide. *Horizontes Antropológicos*, v. 3, p. 1-26, 2008.
- LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Catia Antonia da; GERMANI, Guimar Inez. Pluralidade e Multidimensionalidade do sujeito e de suas espacialidades: desafios epistemológicos na análise geográfica.

Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege), v. 12, n. 1, p. 117-136, 2016.

McCARTHY, James. Rural geography: globalizing the countryside. *Progress in Human Geography*, v. 32, n. 1, p. 129-137, 2008.

MORADOR A1. Entrevista fornecida a Alexsande de Oliveira Franco, Antônio Romildo Cruz de Menezes, Cicilian Luiza Löwen Sahr. Epitaciolândia/AC, abr. 2017.

MORADOR A2. Entrevista fornecida a Alexsande de Oliveira Franco, Antônio Romildo Cruz de Menezes, Cicilian Luiza Löwen Sahr. Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança. Epitaciolândia/AC, abr. 2017.

MORADOR A3. Entrevista fornecida a Alexsande de Oliveira Franco, Antônio Romildo Cruz de Menezes, Cicilian Luiza Löwen Sahr. Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança. Epitaciolândia/AC, abr. 2017.

MORADOR A4. Entrevista fornecida a Alexsande de Oliveira Franco, Antônio Romildo Cruz de Menezes, Cicilian Luiza Löwen Sahr. Área de Relevante Interesse Ecológico Seringal Nova Esperança. Epitaciolândia/AC, abr. 2017.

MURRIETA, Julio Ruiz; RUEDA, Rafael Pinzón. *Reservas extrativistas*. França: SADAG, 1995.

RAMBAUD, Placide. *Société Rurale et Urbanisation*. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

RODRIGUES, Ecio et al. Indicadores Socioeconômicos na ARIE da Castanheira no Acre. *Revista: Biodiversidade Brasileira*. Instituto Chico Mendes, ano 4, n. 1, p. 156-178, 2014.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Território do uso: cotidiano e modo de vida. *Revista CIDADES*, v. 1, n. 2, p. 181-206, 2004.

SILVEIRA, Dilermando Cattaneo. *Estratégias alternativas de re-apropriação da natureza: autonomia e autogestão territorial em áreas protegidas*. 125f. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

Recebido em: set. 2018.

Aceito em: out. 2018.

Alexsande de Oliveira Franco: Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestre em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais pela Universidade Federal do Acre. E-mail: aofrancoufac@hotmail.com

Cicilian Luiza Löwen Sahr: Pós-Doutora em Geografia. Doutora em Geografia Humana pela Universität Tübingen. Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: cicilian@uol.com.br